

BIODIVERSIDADE E RACISMO AMBIENTAL NO CONTEXTO AMAZÔNICO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO DE SOCIOLOGIA PARA 8º ANO

Tamires Ferreira da Silva ¹

Jhonata Pereira da Silva ²

Sidclay Santos furtado ³

RESUMO

O presente relato de experiência, desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/Sociologia) na Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará, teve como objetivo relatar estratégias pedagógicas adotadas junto a três turmas do 8º ano do Ensino Fundamental, articulando o ensino de Sociologia e Educação Ambiental sob uma perspectiva crítica. A proposta central abordou a biodiversidade amazônica e o racismo ambiental, buscando promover o diálogo entre teoria e prática e estimular a reflexão dos estudantes sobre a relação entre meio ambiente e realidade social. A experiência foi estruturada em uma sequência didática de quatro semanas, contemplando aulas expositivas e dialogadas, atividades práticas de campo, análise de reportagens locais e produções artísticas inspiradas na cultura amazônica. As ações integraram conceitos de biodiversidade e racismo ambiental, especialmente no contexto da Região de Belém e municípios, evidenciando desigualdades no acesso a áreas verdes e impactos ambientais decorrentes de grandes obras e processos de urbanização. A sequência didática de quatro semanas envolveu aulas expositivas e dialogadas, atividades práticas de campo, análise de reportagens, debates e produções artísticas inspiradas na cultura amazônica, integrando conceitos. O diagnóstico inicial com 49 alunos revelou percepções diversas sobre contato com a natureza e impactos, apontando desigualdades no acesso a áreas verdes mesmo em uma capital amazônica. As discussões sobre racismo ambiental permitiram identificar como obras e intervenções afetam de forma desigual comunidades periféricas, enquanto a atividade final estimulou a construção de propostas para uma cidade ideal, com rios limpos, biodiversidade preservada e comunidades respeitadas. Os resultados indicam que o ensino de Sociologia debatido com questões ambientais e sociais contribui para o desenvolvimento da criticidade e da consciência cidadã, ao mesmo tempo em que fortalece a formação inicial docente por meio da autonomia criativa e do contato direto com a realidade escolar.

¹ Graduando do Curso de **Ciências Sociais** da Universidade Federal do Pará - UFPA, tamires.silva@ifch.ufpa.br.

² Graduado pelo Curso de **Ciências Sociais** da Universidade Federal do Pará - UFPA, jhonata.silva@ifch.ufpa.br;

³ Professor Supervisor: Graduada em Ciências Sociais Universidade Federal do Pará - UFPA, sidclayfurtados@gmail.com.



Palavras-chave: PIBID/Sociologia, Biodiversidade, Racismo Ambiental, Perspectiva Crítica.

INTRODUÇÃO

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) tem como um de seus objetivos centrais inserir o licenciando no contexto escolar ainda durante sua formação acadêmica, promovendo a aproximação entre universidade e educação básica e possibilitando vivências que contribuam para o desenvolvimento de competências pedagógicas e práticas transformadoras (CAPES, 2014). Este relato de experiência foi desenvolvido no âmbito do PIBID/Sociologia, na Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará (EA/UFPA), com três turmas do 8º ano do Ensino Fundamental (8001, 8004 e 8005), no turno da tarde. A proposta teve como foco central a abordagem da biodiversidade amazônica e do racismo ambiental, articulando conteúdos de Sociologia e Educação Ambiental sob uma perspectiva crítica. As atividades realizadas buscaram promover o diálogo entre teoria e prática, incentivando que os alunos refletissem sobre a relação entre o meio ambiente e a realidade social na qual estão inseridos. Nesse sentido, foram desenvolvidas ações que contemplaram desde aulas expositivas e práticas de campo até análise de reportagens locais e produções artísticas inspiradas em manifestações culturais amazônicas. A escolha pela temática justifica-se pela relevância da Amazônia como patrimônio natural e cultural de importância global e pela urgência de discutir as ameaças socioambientais que afetam a região, especialmente no contexto da Região Metropolitana de Belém (RMB) e comunidades de municípios próximos, onde se evidenciam desigualdades no acesso a áreas verdes e impactos ambientais resultantes de grandes obras e processos de urbanização. O presente trabalho tem, portanto, o objetivo de relatar as estratégias pedagógicas adotadas e refletir sobre seus resultados, evidenciando de que forma a prática docente pode contribuir para a formação crítica e cidadã dos estudantes, a partir de uma educação socioambiental integrada ao ensino de Sociologia.

METODOLOGIA

As atividades descritas neste relato de experiência foram desenvolvidas no segundo bimestre letivo, a partir do plano de curso elaborado para as turmas do 8º ano (8001, 8004 e 8005) da Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará (EA/UFPA). A proposta fora elaborada com os temas Amazônia e Biodiversidade e Amazônia e o Clima, articulando conteúdos da disciplina de Sociologia com uma abordagem socioambiental crítica. Todas as ações foram realizadas com acompanhamento da supervisora e professora da EA Sidclay Furtado, mas

com autonomia para idealização e execução das aulas, escolha dos materiais e elaboração das atividades. A sequência didática foi organizada da seguinte forma: Primeira semana: Realizou-se uma aula expositiva e dialogada para introduzir a temática “O que é a Amazônia?”, abordando conceitos de biodiversidade, características específicas da fauna e flora amazônica e a importância ecológica e social da região. Para a construção do conteúdo, foram realizadas pesquisas em fontes de referência ambiental, como Greenpeace, Instituto Sociedade, População e Natureza, e o blog Animais da Amazônia. O material produzido a partir dessas leituras serviu de base para a explanação em sala. Nesta mesma aula, foi aplicado um questionário diagnóstico contendo seis perguntas abertas, com o objetivo de identificar a percepção prévia dos alunos sobre biodiversidade, presença de árvores nos bairros, relação cotidiana com a natureza, locais de contato ambiental e percepção dos impactos das mudanças climáticas. As respostas coletadas foram utilizadas para orientar as etapas posteriores do trabalho, conectando o conteúdo às vivências dos estudantes. Segunda semana: Realizou-se uma aula prática no espaço externo da escola, onde os alunos foram convidados a identificar e delimitar locais adequados para o plantio de mudas e sementes de frutos.

Essa atividade buscou aproximar os estudantes de ações concretas de preservação ambiental e estimular o senso de responsabilidade com o espaço escolar. Terceira semana: Desenvolveu-se uma aula teórica sobre Racismo Ambiental, apresentando seu conceito, origem e exemplos concretos no contexto amazônico. A discussão foi contextualizada com a proximidade da realização da COP 30 em Belém-PA e com a análise crítica de como obras públicas e privadas impactam de forma desigual diferentes comunidades, especialmente periféricas, da Região Metropolitana de Belém (RMB). Foram levadas para a sala de aula seis reportagens locais que evidenciavam casos de racismo ambiental, para que os estudantes identificassem de que maneira as localidades afetadas vivenciavam a injustiça ambiental.



Figura 1 - Aula expositiva. Fonte: Autor, 2025



O diálogo foi fundamentado Freire (1967), ressaltando a importância da participação ativa e da análise crítica a partir da construção da própria realidade dos alunos e suas percepções sobre a temática de forma que pudessem em grupo encontrar e discutir o problema do texto. Quarta semana: Como culminância da sequência didática, foi realizada uma atividade artística baseada na escuta da canção “Sonho de Floresta”, de Iris da Selva e Mestre Lourival Igarapé, artistas paraenses. A música foi ouvida repetidas vezes para que os estudantes pudessem absorver sua mensagem e, a partir disso, criar produções autorais — em forma de texto manifesto ou ilustrações — respondendo à questão: Como seria a cidade/cidade ideal, com biodiversidade preservada, rios limpos e comunidades respeitadas?



Figura 2 – Manifesto sonho de Floresta. Fonte: Autor, 2025.



Figura 3 – Manifesto sonho de

Essa produção foi orientada a partir do que havia sido discutido nas aulas anteriores, integrando conceitos de biodiversidade, mudanças climáticas e racismo ambiental em Belém-PA e municípios próximos que sofrem com o racismo ambiental. Todas as etapas foram elaboradas com base em metodologias ativas (Diesel; Baldez; Martins, 2017), incentivando a participação, o diálogo e a construção coletiva de conhecimento. A escolha de utilizar recursos variados desde pesquisa e análise de reportagens até atividades práticas e artísticas buscou atender diferentes estilos de aprendizagem e potencializar a relação entre conteúdo escolar e realidade vivida pelos estudantes.

REFERENCIAL TEÓRICO

A presente experiência pedagógica foi concebida e executada no contexto do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), em uma perspectiva de autonomia



docente, possibilitada pela supervisão no núcleo de Sociologia. Essa autonomia permitiu que os materiais, conteúdos e atividades fossem elaborados especificamente para dialogar com a realidade dos estudantes e para integrar a dimensão ambiental de maneira crítica ao ensino de Sociologia. O eixo central do trabalho se estrutura a partir de uma abordagem ambiental e de educação ambiental também, tendo como referência para este debate Leff, que dialoga que a complexidade ambiental exige um processo de desconstrução e reconstrução do pensamento (Leff, 2010), o caminho construído da sequência didática é exatamente para compreensão a partir dos conceitos, da história que inclui o passado de lutas e do presente que se faz pertinente ainda mais a voz desses pré adolescentes e adolescentes à frente das causas de sua comunidade e da sua região. Articulando o estudo da biodiversidade amazônica e do racismo ambiental com questões sociais presentes no cotidiano dos alunos. Para fundamentar essa proposta, recorreu-se a diferentes autores que contribuíram para construir a trajetória conceitual e metodológica do artigo. Primeiramente, a perspectiva freireana, representada pela obra Educação como prática da liberdade (FREIRE, 1967), orienta a compreensão de que a educação deve ir além da simples transmissão de conteúdos, favorecendo a participação ativa do educando, a análise crítica da realidade e o diálogo como prática emancipatória. Freire destaca que não há verdadeira formação cidadã sem o envolvimento do estudante nas experiências de debate e problematização, o que se mostrou fundamental para trabalhar temas complexos como injustiça ambiental e mudanças climáticas no contexto amazônico. A obra de Violeta Loureiro (2019) oferece o embasamento histórico e social para compreender as dinâmicas da Amazônia, destacando a relação intrínseca entre rios, economia e modos de vida, bem como os processos de injustiça e racismo ambiental que se perpetuam até a atualidade. A autora problematiza o discurso do “progresso” que, frequentemente, encobre projetos excludentes e ambientalmente danosos, nos quais populações periféricas e tradicionais sofrem os maiores impactos socioambientais. Essa leitura foi determinante para contextualizar e vincular as aulas de biodiversidade à vivência concreta dos alunos na Região Metropolitana de Belém (RMB), onde desigualdades de acesso a áreas verdes e destinação inadequada de resíduos são evidentes. No campo da didática, a proposta apoiou-se nas reflexões de Moran (2018), que defende que o ensino deve proporcionar experiências significativas, superando a lógica de memorização e incorporando metodologias que estimulem o protagonismo discente. Essa visão foi articulada às contribuições de Diesel, Baldez e Martins (2017), que descrevem os princípios das metodologias ativas, enfatizando a necessidade de integrar teoria e prática, desenvolver competências críticas e promover o aprendizado colaborativo. Dessa forma, a trajetória da pesquisa seguiu um caminho coerente:



partiu-se da base freireana para garantir a centralidade do diálogo e da participação; utilizou-se Loureiro (2019) para contextualizar as questões socioambientais amazônicas e o racismo ambiental; e aplicaram-se as diretrizes de Moran (2018) e Diesel, Baldez e Martins (2017) para estruturar a sequência didática de forma participativa e integrada. Ao adotar essa fundamentação teórica, buscou-se que os estudantes não apenas compreendessem os conceitos de biodiversidade e racismo ambiental, mas também os reconhecessem em seu território e realidade cotidiana, desenvolvendo senso crítico e postura propositiva diante das problemáticas ambientais e sociais que os cercam. A Sociologia, nesse processo, foi reafirmada como disciplina capaz de articular saberes e promover transformações sociais, sobretudo quando trabalhada de forma interdisciplinar e conectada ao contexto local

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O desenvolvimento desta sequência didática evidencia não apenas a relevância do trabalho com temas socioambientais na educação básica, mas também a importância do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) como espaço formativo essencial para os licenciandos. O PIBID proporcionou a oportunidade de vivenciar o solo escolar de forma contínua, permitindo a construção de um vínculo pedagógico e a experimentação de metodologias diversificadas, sempre com o respaldo e a troca constante com a supervisora. Essa liberdade de planejamento e execução das atividades contribuiu para que o processo fosse criativo, contextualizado e adequado à realidade dos estudantes. Logo na primeira semana a aplicação do questionário diagnóstico trouxe dados fundamentais para direcionar a abordagem pedagógica. No total, participaram 49 estudantes: nove da turma 8004, vinte da turma 8001 e vinte da turma 8005. As respostas revelaram percepções distintas sobre biodiversidade, contato com a natureza e impactos das mudanças climáticas, apontando também para desigualdades no acesso a áreas verdes, mesmo em uma capital amazônica. Quando questionados sobre o que pensam ao ouvir “Biodiversidade Amazônica”, respostas como a de Deivison (8004, bairro do Marco) “uma floresta rica em animais, plantas e rios” evidenciam uma visão predominantemente ecológica, centrada na natureza intocada. Por outro lado, a fala de Julia (8005, Batista Campos) que destacou a presença abundante de mangueiras no bairro e a de Pedro (8005, Guamá) que afirmou ver árvores mas tem pouco contato com elas mostram que a percepção do meio ambiente varia conforme a vivência no território. Essa diferença reforça a análise sobre as desigualdades na distribuição e acesso a espaços arborizados, mesmo dentro da mesma cidade. Quanto aos locais de maior contato



com a natureza, Rafael (8001, Marex) citou o Parque do Utinga, enquanto Maria Clara (8001, Terra Firme) associou o contato ambiental às viagens ao interior, com práticas como nadar no rio, andar de rabeta e ouvir histórias tradicionais. Essas falas indicam que, apesar de estarmos na Amazônia, muitos moradores da Região Metropolitana de Belém sentem necessidade de se deslocar para espaços específicos para vivenciar plenamente a natureza fato que reforça a urgência de discutir a falta de arborização urbana e suas consequências socioambientais. No que diz respeito às mudanças climáticas, a fala de Flávio (8004, Terra Firme) “o calor parece mais forte e dura mais tempo e chove de forma mais estranha, causando também alagamentos” evidencia a percepção cotidiana das alterações no clima, relacionando diretamente esses fenômenos ao seu impacto na vida urbana. Essa percepção empírica dialoga com o que defende sobre a necessidade de relacionar o aprendizado escolar às vivências reais dos estudantes. Esses dados iniciais foram decisivos para planejar as atividades das semanas seguintes, incluindo o debate sobre racismo ambiental e a atividade de culminância. A abordagem do racismo ambiental, permitiu que os estudantes identificassem, a partir de reportagens locais, como determinadas obras e ações do poder público impactam de forma desigual comunidades periféricas, aprofundando injustiças já existentes. Na atividade final, com a canção “Sonho de Floresta” de Iris da Selva e Mestre Lourival Igarapé, os estudantes foram convidados a expressar, por meio de desenhos ou manifestos escritos, como seria a cidade/região ideal, com biodiversidade preservada, rios limpos e comunidades respeitadas. As produções refletiram uma compreensão mais ampla das questões trabalhadas, integrando elementos de preservação ambiental, justiça social e valorização cultural. Essa etapa representou o momento em que os alunos passaram a projetar soluções e imaginar futuros possíveis. De forma geral, a sequência didática atingiu seus objetivos ao: Articular conteúdos teóricos à realidade vivida pelos estudantes; Utilizar metodologias ativas para promover protagonismo e diálogo; Estimular a percepção crítica sobre biodiversidade, mudanças climáticas e racismo ambiental; Valorizar manifestações culturais locais como ferramenta pedagógica; Evidenciar que, mesmo em um território rico em sociobiodiversidade como a Amazônia, há carência de políticas urbanas que possam garantir de fato contato efetivo com a natureza, com árvores com os rios, que fazem parte de nossa realidade mas ainda assim são distantes e o estudo de casos sofridos por outros municípios demonstram que devido ao racismo ambiental eles tem perdido grandes espaços de floresta e ocorrido a poluição dos rios, afetando assim o cotidiano de várias comunidades que trafegam pelo rio e que do mesmo tiravam sua subsistência. A experiência reforça que o ensino de Sociologia, aliado à educação socioambiental, é capaz de fomentar reflexões profundas sobre justiça social e ambiental,





contribuindo para a formação de cidadãos conscientes e atuantes. O Programa de Iniciação à Docência, nesse processo, se mostra uma política pública estratégica para a formação inicial de professores, pois amplia a vivência prática, incentiva a criatividade pedagógica e fortalece o compromisso social da docência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho permitiu ampliar o debate sobre as questões socioambientais da região Amazônica, destacando o papel da Sociologia como mediadora no processo de articulação entre teoria, prática e desenvolvimento da criticidade dos estudantes diante das problemáticas discutidas. A experiência vivenciada evidencia como o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) atua não apenas como ferramenta de aproximação entre universidade e escola, mas também como espaço formativo fundamental para os licenciandos, possibilitando contato aprofundado com a realidade escolar, com o corpo pedagógico e com os alunos. A partir das atividades desenvolvidas, constatou-se a relevância de incorporar ao ensino de Sociologia temáticas como Sociobiodiversidade, Sociobiodiversidade Amazônica, Problemas Urbanos e Racismo Ambiental no contexto amazônico, compreendendo que o entendimento da realidade socioambiental local demanda um olhar histórico e crítico. A noção idealizada de uma Belém “das mangueiras” contrasta com as transformações urbanas, ambientais e sociais vividas, o que reforça a importância de refletir sobre o passado para compreender a configuração espacial e a dinâmica social contemporânea (Carvalho, 2021). Assim, a pesquisa não apenas contribui para o campo da Sociologia Ambiental no âmbito escolar, mas também aponta caminhos para investigações futuras, especialmente no que diz respeito ao aprofundamento das relações entre educação, consciência socioambiental e transformação social na Amazônia. Tais reflexões reforçam a necessidade de ampliar o diálogo interdisciplinar e de promover ações educativas que estejam alinhadas com a realidade local, fortalecendo a produção de conhecimento que possa servir de base para políticas públicas e práticas pedagógicas mais sensíveis às demandas da região.

AGRADECIMENTOS

O desenvolvimento deste trabalho foi fomentado pelo Programa de Iniciação à Docência (PIBID), que nos proporcionou a vivência do ambiente escolar e de tudo o que ele tem a ensinar. Logo, agradecemos à coordenadora do PIBID – núcleo Sociologia, professora Eleanor Palhano, pois, dentre todas as edições, foi em 2024 que o curso de Ciências Sociais –





Licenciatura da Universidade Federal do Pará ingressou no programa, possibilitando a vários docentes em formação essa aproximação com a escola. Reconhecemos o empenho da professora Eleanor, que luta para que programas como este sejam vivenciados pelos formandos de licenciatura, capacitando-os ao máximo para se tornarem excelentes docentes. Estendemos nossa gratidão à nossa supervisora professora Sidclay Furtado da EA UPPA, que sempre nos concedeu autonomia e acreditou no potencial dos/as ID's que acompanha em sala, fazendo-nos acreditar que somos capazes de ir além.

REFERÊNCIAS

- CAPES. Pibid - **Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência.** Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/pibid/pibid> Acesso em: 14 de agosto 2025.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra Ltda, 1967. 199 v.
- LOUREIRO, Violeta Refkalefsky. **Amazônia: Estado, Homem, Natureza.** 4. ed. Belém-Pa: Cultural Brasil, 2019.
- DIESEL, Aline; BALDEZ, Alda Leila Santos; MARTINS, Silvana Neumann. **Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica.** Revista Thema, Pelotas, v. 14, n. 1, p. 268-288, 2017.
- LEFF, Enrique. **A Complexidade Ambiental.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- CARVALHO, Ana Cláudia Alves de et al. **O meio natural na Amazônia paraense: paisagem, configuração espacial e dinâmica social.** 2021.